

Lusorama

Zeitschrift für Lusitanistik
Revista de Estudos
sobre os Países de Língua Portuguesa



Herausgegeben von
Editado por

Luciano Caetano da Rosa
Axel Schönberger
Michael Scotti-Rosin

Publiziert unter der Schirmherrschaft von
Publicado sob o Patrocínio de

Deutscher Spanischlehrerverband (DSV)

Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main
(Institut für Romanische Sprachen und Literaturen)

Nr. 12 (Juni 1990)



Frankfurt am Main 1990
ISSN 0931-9484

01

IA
6106
-12

Annette Endruschat (Leipzig)

**A língua falada como força motriz
do desenvolvimento do português angolano¹**

Em Angola encontramos um grande número de escritores cuja linguagem literária se baseia nas tradições orais de narração, levando assim essas tradições para uma forma de expressão mais moderna, a escrita. Penso por exemplo em Óscar Ribas, Jofre Rocha, Uanhenga Xitu, Boaventura Cardoso e Luandino Vieira. Descobrimos nas suas obras os padrões tradicionais de narração oral que fazem parte das tradições culturais na sua totalidade. Estas tradições culturais estão indissoluvelmente ligadas às línguas indígenas. Como é de conhecimento geral, as línguas indígenas faladas no território de Angola chegaram muito tarde, somente no fim do século XIX, à escrita, sendo a fixação normativa dos alfabetos de data ainda mais recente, de há apenas dois anos. E não esqueçamos que grande parte da população angolana continua a ser analfabeta. Daí decorre a grande importância que têm até hoje as formas orais de literatura, sobretudo nas zonas rurais.

Sob condições coloniais, a maioria dos angolanos não tinha direito a uma escolaridade regular, não havia possibilidade nenhuma de aprender a ler. Foi o MPLA quem iniciou a primeira campanha de alfabetização, durante a luta de libertação, nas zonas já libertadas. Desde o ano da independência, realizaram-se anualmente tais campanhas, permitindo diminuir o analfabetismo.

Cada vez mais angolanos entram por consequência em contacto com formas escritas de literatura.

¹ Erst nach Redaktionsschluß erreichte mich die Nachricht, daß dieser Aufsatz, ursprünglich vorgesehen als Beitrag auf dem 1^o Simpósio de Literatura Angolana 1989 in Porto, ohne mein Wissen und in abgeänderter Form in der Zeitschrift *Angolê 1* (1990), S. 8-11, veröffentlicht wurde.

Aqui temos de tomar em consideração o problema das línguas: a quase totalidade das obras literárias está escrita em língua portuguesa, mas somente 30% dos angolanos possuem actualmente uma competência comunicativa na língua veicular do país, função definida para o português. A maioria da população desconhece-a ou domina-a somente como língua segunda de maneira insuficiente. Para que a transmissão de valores culturais possa ser mais eficaz através da literatura escrita em português, é necessário elevar o nível de conhecimentos da língua portuguesa em toda a população angolana. Mas podemos igualmente verificar um grande salto em frente na publicação de obras redigidas em línguas bantu, o que é, aliás, promovido por concursos de redacção de poemas e prosa nestas línguas, organizados pela União dos Escritores Angolanos (UEA).

Evidencia-se que a dicotomia oralidade/escrita não é idêntica com a dicotomia línguas indígenas/língua portuguesa; é, todavia, inegável que a fixação escrita em português de tradições orais se caracteriza pela entrada de elementos das línguas bantu no português. A influência das línguas bantu não só se observa na literatura escrita em português, como é cada vez mais típica para o desenvolvimento autónomo do português em geral em Angola. Como o país se encontra numa situação bi- e mesmo multilingual e porque as funções de comunicação do português e das línguas nacionais respectivamente ainda não estão claramente definidas e separadas, é natural que, sobretudo na linguagem falada, se produzam interferências entre estas línguas. As interferências podem ocorrer de maneira espontânea e descontrolada, por causa da falta de uma instância competente e influente que seja capaz de controlar o uso do português, de propagar o português-padrão e de funcionar como órgão normativo para o uso do português, nomeadamente na imprensa e nas esferas mais oficiais.

Também é restrita a camada de lusófonos competentes de nacionalidade angolana e o sistema nacional de educação ainda não está em condições de actuar em favor de um maior e melhor domínio do português à escala nacional.

Como consequência lógica de todos esses aspectos, assistimos à ocorrência de formas linguísticas erróneas, não correspondentes à norma, de irregularidades espontâneas e não existentes no português

européu. Para resumir até aqui, podemos contar entre os factores que condicionam um desenvolvimento específico do português em Angola:

- a situação bilingual, o que se traduz por interferências entre o português e as línguas bantu;
- o desenvolvimento social, económico e cultural independente do país, o que se traduz por novas necessidades de comunicação e sobretudo pela renovação lexical;
- a ausência de uma influência normativa permanente, o que se traduz pelo surgimento de particularidades linguísticas no português angolano.

Alguns linguistas angolanos (IRENA GUERRA MARQUES 1983, *Luisa Maria Dolbeth e Costa* 1981/82) e colegas estrangeiros analisaram aspectos de língua portuguesa falada em Angola e todos constataram que se está a desenvolver uma variedade angolana, distinguindo-se por particularidades a todos os níveis do sistema linguístico, causadas pelos factores extralinguísticos já mencionados, mas também por factores intralinguísticos de variação de língua, tais como arcaização e renovação do inventário linguístico.

Em geral, e não só no português de Angola, uma grande parte das variações de língua nasce na linguagem oral, tendo esta uma influência cada vez maior sobre a língua literária (quer dizer língua-padrão e não só língua de literatura), por causa de tendências gerais de democratização, de integração crescente das massas populares na vida social, de reformulação de certos valores ético-morais.

Isto faz com que elementos da língua falada possam entrar na esfera escrita de comunicação, sobretudo sob condições de alto grau de analfabetismo e de bilinguismo, onde somente uma pequena parte da população domina a língua oficial.

A partir do século XIX até ao presente, formou-se uma linguagem coloquial urbana tipicamente angolana, sendo nomeada na literatura às vezes como «linguagem dos musseques». É uma variante mais ou menos coerente do português com particularidades lexicais e morfosintácticas, em consequência do contacto entre as línguas nacionais e a língua portuguesa. Ao compararmos esta linguagem com o português falado por angolanos provenientes de zonas rurais, dominando o português a um nível muito mais baixo, podemos concluir que quanto menor é o domínio da língua portuguesa, tanto maior é a influência

da língua materna africana sobre a língua veicular. Por isso, parece ser contestável tratar a «língua portuguesa falada em Angola» como se representasse alguma coisa de homogéneo. Podemos, porém, chegar à conclusão que as línguas bantu influem em todos os níveis da língua falada, da maneira seguinte:

- no sistema fonológico-fonético do português angolano existem características particulares não conhecidas no português-padrão que derivam indubitavelmente das línguas africanas (veja-se I. GUERRA MARQUES na sua publicação *Algumas considerações sobre a problemática lingüística em Angola*, 1983, e L. M. DOLBETH e COSTA na sua tese de licenciatura *Perspectivas de bilinguismo nacional na RPA e sua problemática no ensino*), entre as quais contamos, por exemplo, a abertura das vogais finais e a nasalação e aspiração de vogais;
- no inventário lexical do português angolano existem numerosas palavras de origem bantu, sobretudo designações de fauna, flora, religião e cultura tradicionais, mas também expressões emocionais. A grande maioria constitui-se de substantivos, mas raramente são emprestados verbos e adjectivos ou unidades sintácticas tais como interjeições e provérbios;
- a influência das línguas bantu na sintaxe portuguesa é menos evidente, mas ela tem uma grande importância na formação de frases por angolanos. Desta maneira podemos explicar uma grande parte de ocorrências morfossintácticas fora do português-padrão como resultado de interferência das línguas africanas.²

Todas as particularidades nomeadas ainda não podem ser descritas como formando uma norma angolana do português; é, contudo, possível observar algumas regularidades na produção oral de textos. Agora o meu objectivo é demonstrar que estas particularidades entraram já parcialmente na língua escrita. Baseio-me em textos tirados do *Jornal de Angola* e do *Novembro* de carácter informativo, tais como notícias, comentários, discursos, pois utilizei textos emitidos

² Consultem-se os trabalhos de L. M. DOLBETH e COSTA 1981/82; I. GUERRA MARQUES 1983; A. JARUŠKIN 1984; EBERHARD GÄRTNER 1986).

pela Radio Nacional de Angola da mesma índole e publicações político-ideológicas, assim como documentos oficiais, tudo datando dos últimos cinco anos.

1. Léxico

Lendo ou escutando textos oficiais vemo-nos confrontados com uma série de palavras de origem bantu integradas parcial- ou inteiramente no contexto português. Elas podem ter sofrido diferentes graus de adaptação:

- sob o aspecto ortográfico: há formas adaptadas à ortografia portuguesa (calema,³ musseque) e formas não adaptadas a esta (kinda, kassule);
- sob o aspecto morfossintático: os bantuisms surgem na forma original (fuba, kitanda) ou constituem a base de derivações de acordo com as regras morfossintáticas do português (carienguista, mabanguista, ximbicar).
- sob o aspecto semântico: as palavras têm o seu significado original (sanzala, quimbo) ou um significado especializado (kuacha, kazu-cuta, maka) que só possuem no contexto português.

Comprovamos que há duas classes de bantuisms. Os de uma 1ª classe que exercem uma função designativa, sendo emprestados na maioria sob a sua forma original e para os quais é difícil encontrar uma tradução portuguesa adequada (são, por exemplo, nomes de plantas e animais, de comidas e tradições), existe depois ainda uma 2ª classe de bantuisms de função puramente estilística, por serem mais expressivos, mais «angolanos» que as suas substituições portuguesas, como é o caso, p. e., do verbo *ximbicar* ou das palavras de valor denotativo *kazucuta* (indisciplina) ou *kandengue* (pequeno). Se bem que os bantuisms nem sempre pareçam necessários do ponto de vista designativo, nascem, no entanto, do contacto permanente entre as línguas bantu e o português. Essa contaminação entra no uso escrito

³ «Calema» é uma palavra já antiga que significa a forma de rebentar das ondas, sobretudo em São Tomé e Príncipe.

através da linguagem oral, seja por intermédio da linguagem do próprio autor, marcado pelo bilinguismo, seja materializado de propósito afim de o seu estilo corresponder o máximo possível à linguagem oral autêntica.

Quero dar alguns exemplos, primeiro para os bantuismos tendo uma função designativa e não estando adaptados morfologicamente ao português:

Em todos os *banga-sumos* de Luanda se montava uma operação obrigando as quitadeiras a vender a preços da tabela.

Banga-sumo designa um mercado típico para o qual não existe uma tradução portuguesa. Na mesma frase encontramos ainda *quitadeira*, derivado português da palavra *kitanda* que quer dizer em Kimbundu *cesto*, significando, no contexto português, um sítio onde se vendem legumes, frutas etc. Daí vem o sentido de *vendedora no mercado* do bantuismo *quitadeira*. Outro exemplo para um bantuismo designativo e dificilmente substituível, que existe em português há mais de 300 anos, é *calema*:

Nos dias onde se registam grandes *calemas* a ida ao mar é reduzida.

Calema refere-se a um fenómeno natural típico para a costa angolana e de São Tomé e Príncipe, tendo conservado o seu sentido original. Isto é válido igualmente para designações de animais, plantas, comidas etc., tais como *micate* (bolo), *fuba* (farinha de milho), *quimbo* (casa tradicional ou aldeia).

Vejamos agora alguns exemplos para bantuismos que se empregam no contexto escrito português como meio de expressão mais forte:

Não era mais o tempo de andarmos a correr atrás dos fenelás ou dos *kwachas* que se entrincheiravam por tudo [...]

Kwacha, tendo em Umbundu originalmente o sentido de «galo», foi emprestado para designar de maneira pejorativa um membro da UNITA, significação que não tem na língua de origem. Encontramos esta expressão nos textos mais oficiais e emprega-se sempre para exprimir uma atitude claramente dirigida contra a UNITA. Outro exemplo é *kazucuta*, de origem não esclarecida, significando originalmente uma dança muito movimentada. Utiliza-se para designar de maneira enfática as diversas formas de indisciplina social. Existe também uma derivação formada pelo sufixo *-eiro*: *kazucuteiro*. Como este lexema tem um sentido muito complexo, serve melhor para

designar certos fenómenos sociais do que as respectivas palavras portuguesas:

Há *kazucua* para desacreditar a linha política do nosso partido.

O bantuísmo *kandengue* significa «pequeno; criança»; e emprega-se no contexto português em posição de um substantivo ou como adjectivo. Contém um componente diminutivo que força ainda o sentido da palavra. Desta maneira, exerce uma função denotativa:

Nesta província *kandengue* do nosso país vivemos uma situação difícil, marcada por insistentes acções de guerra não-declarada.

Poderiam ser dados ainda mais exemplos. Evidencia-se a influência do contacto entre língua materna e língua veicular, entrando em vigor no uso escrito, por intermédio da linguagem oral.

2. Sintaxe

Analiseemos agora os fenómenos morfossintácticos que ocorrem fora da norma do português. Podemos apoiar em alguns trabalhos já realizados neste domínio por vários autores; nomeio aqui LUISA DOLBEH e COSTA (1981/82), A. JARUSKIN (1984) e EBERHARD GÄRTNER (1986). Estes autores procuraram dar explicações para o aparecimento de transformações sintácticas, uma vez que a sintaxe é considerada em geral o subsistema mais estável de uma língua. Consideram, principalmente, três causas para que tais fenómenos se produzam:

1. o domínio insuficiente das regras sintácticas do português-padrão, provocando erros, mas também formas simplificadas e reduzidas (por exemplo, no emprego das preposições e dos tempos);
2. o uso do português como língua veicular e não como língua materna, o que se traduz também por simplificações das formas e pela renúncia a formas redundantes;
3. a interferência das línguas bantu nas estruturas sintácticas do português.

Entre essas três tendências há uma grande interdependência, não sendo sempre possível encontrar a razão exacta da ocorrência de uma estrutura concreta.

Vejamos uns fenómenos que ocorrem frequentemente em textos da imprensa e em publicações, para os quais parece justificado postular uma influência de estruturas bantu.

As preposições constituem uma categoria gramatical que se define de maneira bem diferente para o português e para as línguas bantu. Deste facto decorrem mudanças consideráveis para o seu emprego, tendo estas mudanças as suas raízes nas diferenças semânticas entre as preposições dessas línguas. Por exemplo, em kimbundu e noutras línguas bantu existem preposições locais que exprimem simultaneamente estado local e movimento em direcção a um sítio qualquer. Em consequência dessa não-distinção encontramos a preposição portuguesa «em» muitas vezes no lugar da preposição «a» ou de outras preposições, parecendo-nos esta explicação mais provável do que aquela que recorre ao português arcaico:

Os novos métodos colocados na prática permitem um maior afluxo de jovens *nos* centros de apresentação.

[...] factor que contribui sobremaneira *no*⁴ alcance de grandes êxitos no combate contra os bandos armados.

Na linguagem oral não é raro ouvir: «Dava aulas *nos* quadros»; «apresentavam-se no MPLA» - frases que tirámos numa entrevista da Radio Nacional Angolana (RNA).

Outro fenómeno: a colocação dos pronomes pessoais, reflexivos e de complemento. Nas línguas bantu, os pronomes precedem sempre o verbo conjugado, facto que se traduz, no português falado em Angola, pela tendência à próclise dos pronomes.

Ao contrário, na língua escrita da imprensa, encontramos vários exemplos onde os pronomes seguem o verbo em vez de o preceder, sobretudo em frases relativas:

O representante daquela empresa disse que a oficina encontra-se também dotada de um motor gerador e um camião cisterna [...]

O grupo nacional de epidemiologia informou segunda-feira que até ao momento registaram-se na Polónia vinte e um portadores do SIDA.

Podemos falar de uma grande insegurança na colocação dos pronomes, resultado de diferenças profundas entre o português e as línguas bantu neste aspecto. O mesmo pode ser observado no emprego dos complementos directo e indirecto, sob a sua realização pronominalizada. Em consequência da sua não-distinção nas línguas bantu, nota-

⁴ Correcto seria dizer «para alcançar ...» ou «para a obtenção de grandes êxitos».

se uma grande confusão no emprego dos pronomes no português angolano falado, em favor do emprego do pronome indirecto. Na língua escrita igualmente, esta insegurança manifesta-se de maneira cada vez mais clara. Apenas dois exemplos:

Um porta-voz nas Nações Unidas revelou que os médicos do mandatário da ONU recomendaram-no a viajar nas próximas semanas por se encontrar cansado.

De acordo com a composição da delegação gostaria informar-lhe o seguinte: [...]

Na língua escrita portuguesa de Angola aparecem ainda outras particularidades sintácticas, não correspondentes à norma do português-padrão, mas cujo enraizamento bantu talvez seja muito menos provável. No entanto, temos como justificação o facto que também ao nível sintáctico existe uma influência nítida de estruturas bantu, com a sua fonte na linguagem oral. Vemos nisto mais uma prova da importância dos elementos orais para o desenvolvimento da língua portuguesa em Angola.

Bibliographie

Actas do Congresso sobre a situação actual do português no mundo, Lisboa: ICALP, 1985.

CONSELHO NACIONAL DA CULTURA DO MPLA-PPD: *Reflexões sobre o estudo das línguas nacionais*, Luanda 1977.

DA COSTA, ANTÓNIO FERNANDES: «Pressupostos para o ensino do português enquanto uma língua segunda», em: *Angolê 7-10* (1987/88; Lisboa).

DOLBETH E COSTA, MARIA LUISA: *A língua portuguesa de Angola como variante sócio-cultural e sua problemática no ensino*, Luanda (manuscrito inédito).

EADEM: *Perspectivas do bilinguismo nacional na República Popular de Angola e sua problemática no ensino*, tese de licenciatura, Universidade de Lisboa 1981/82.

- ENDRUSCHAT, ANNETTE: *Studien zur portugiesischen Sprache in der Volksrepublik Angola (unter besonderer Berücksichtigung lexikalischer und soziolinguistischer Aspekte)*, Frankfurt am Main: TFM; Schönberger, 1990 (Beihefte zu *Lusorama*: 3. Reihe, Studien zur Afrolusitanistik; Bd. 1) (também tese de doutoramento, Leipzig 1984).
- EADEM: «Création lexicale en portugais parlé dans la République Populaire d'Angola», em: MATTHIAS PERL (ed.): *Le portugais en Afrique, Linguistische Arbeitsberichte 53* (1986), págs. 60-77.
- EADEM: «Aktuelle Aspekte der Situation der portugiesischen Sprache in der Volksrepublik Angola», em: *Lusorama 6* (Novembro de 1987), págs. 53-57.
- GÄRTNER, EBERHARD: «Syntaktische Besonderheiten des Portugiesischen in Angola», em: *Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt-Universität zu Berlin, Gesellschaftswissenschaftliche Reihe 3* (1983), págs. 295-298.
- IDEM: «Zur Entstehung und Bewertung von syntaktischen Übereinstimmungen in den mündlichen Existenzformen des Portugiesischen in Angola, Moçambique und Brasilien», em: *Beiträge zur Romanischen Philologie 1* (1986), págs. 89-92.
- HUTH, KARIN: «Aspekte der sprachlichen Situation in der Volksrepublik Angola», em *Asien-Afrika-Lateinamerika 2* (1987), págs. 273-277.
- EADEM: *Untersuchungen zum Nominalklassensystem des Kimbundu (Angola) unter Berücksichtigung der Entwicklungstendenzen seiner urbanen Varianten*, tese de doutoramento, Leipzig 1984.
- JARUŠKIN, ALEKSANDR: «Jazyková situácia v narodnej republike Angoli», em: *Sovetskaja etnografia 4* (1984), págs. 116-121.
- IDEM: «K probleme obščnosti grammatičeskich osobennosti portugalskogo jazyka Angolii i Brasilii», em: *Vestnik Leningradskogo universiteta 8* (1984), págs. 117-121.
- PEPETELA: «Alguns dados estatísticos sobre a língua portuguesa em Luanda», em: *Novembro 88* (1986), págs. 9-11.
- PERL, MATTHIAS (ED.): *Le portugais en Afrique, Linguistische Arbeitsberichte 53* (1986).
- MARQUES, IRENA GUERRA: *Algumas considerações sobre a problemática lingüística em Angola*, Luanda 1983.
- VALDÉS-BERNAL, SÉRGIO: «Visión etno y sociolingüística de Angola», em: *Boletín La casa de África 1* (1987; La Habana).